

O PREÇO DA VIDA

A energia moral não se colhe indolentemente, como uma flor no valado: ella se conquista laboriosamente e se extrahe, por vezes, como o carvão, das profundezas escuras. Vou indicar-vos algumas das fontes d'on-de ella se tira.

Uma dessas fontes é a idéa elevada que se faz da vida. Nós todos nos sentimos embotados com relação á vida, á força de a encontrarmos no caminho. E' assim que certos camponeses, pelo facto de terem sob os olhos as bellezas do vallezinho em que nasceram, tornam-se insensíveis a ellas. E'-lhes necessario deixar o torrão e voltar a elle outra vez, como se fossem estrangeiros, para que sejam de novo feridos pelo que elle tem de pittoresco e grandioso.

Assim tambem, é nos necessario descobrir como uma novidade o que pensamos conhecer de ha muito. Não é coisa facil. Ainda que a maior parte dos homens olhem sem ver, todavia elles se enfadam de que lhes mostremos aquillo que elles vêem. O que os circumda e lhes toca de perto os deixa frios. E este desprezo das coisas proximas não é mais do que a idéa miseravel que elles fazem da sua propria vida. Certo, cada um tem seu orgulho, orgulho estúpido que o leva a preferir-se aos outros. Mas este orgulho se apega ao que ha de mediocre em nosso ser e nisso se repasta. O sentimento da verdadeira dignidade é infinitamente raro.

Muito embora orgulhosos da nossa personalidade superficial, carecemos da nobreza que nasce do respeito pelo nosso ser profundo. E este sentimento, no entanto, é que é uma fonte de poder. O homem que entrevê o que elle vale tem uma attitude moral bem melhor do que a daquelle que se deprecia a si mesmo.

Quem nos dera essa frescura de impressão que faz com que olhemos todas as coisas como se as vissemos pela primeira vez? Isso nos faria sentir em face da mais pequenina flor o que eu denomino o deslumbramento da vida.

E é isso que é preciso conhecer. E' necessario ter estado, ainda que uma só vez e num momento fugaz,

em face do infinito, e recebido, como em uma visão, a revelação do que ha de precioso, de rico, de insondavel, em toda a alma, em toda vida humana. E' só então que se pôde entrever o preço da existencia e ter-lhe ternura e culto.

Quando o adolescente, attingida uma certa hora de que elle não mais se esquecerá, recebe a revelação da patria, da sua historia, das suas dores e grandezas, sente que se passa nelle alguma coisa de sagrado. Elle nasce para uma existencia nova. A idéa da patria atravessou-lhe a alma e a ennobrecceu de um jacto. D'ali por diante elle será capaz de acções grandiosas, de grandes soffrimentos pela terra de que é filho. Re'emperado, como o aço, num banho que lhe decuplica as forças e o faz respeitar-se a si mesmo como á bandeira de seu paiz, elle se tornará mais do que um individuo: sentir-se-ha parte de um todo.

No homem que recebe a revelação da sua dignidade humana passa-se alguma coisa semelhante. Elle mergulha-se na sua fonte, remonta á sua origem, mede e experimenta o que ha de santos esforços, dores patientes, esperança humilde, incalculavel labor reunidos nesta vida humana de que elle se fez herdeiro. A alma dos seculos passou pela sua alma. A grande esperança que anima e sustem todo este doloroso desenvolvimento da humanidade através dos tempos incommensuraveis, bafejou-o. Antolhou-se-lhe no caminho a vontade que quiz um dia que existisse o mundo, que houvesse homens; e elle associou-se a essa vontade. Comprehen-de—o que é a propria essencia da fé—que cada homem é uma esperança da humanidade, uma esperança de Deus. Doravante elle não mais está reduzido a suas unicas forças, mas terá a impellil-o todo o impulso dos seculos e todo o socorro da Eternidade.

Oh! como são culpaveis os que depreciam a humanidade, denigrem o homem e se comprazem em enterrá-lo na lama! Como estão cegos pela loucura do seu orgulho os que falam como se tivessem enumerado as estrellas, contado a areia dos ma-

res, penetrado o segredo da vida, tocado o fundo das coisas, para não encontrar senão o nada! Elles insultam a esperança que desponta na frente da juventude; apagam nella o fogo dos olhos e do coração; esgotam-lhe a força, maculam-lhe a pureza, ensinam-lhe a desprezar a vida. E' commetter o crime dos crimes o fazer que o homem aborreça o seu destino, quando só o sentimento profundo desse destino é capaz de o amparar, de o encorajar, de o consolar no meio de tantas durezas inexplicaveis, de obscuridades e tentações.

Aquelle que se deixa penetrar da dignidade da vida, leva este sentimento para todos os pormenores de seus actos e experiencias. Esses pormenores não podem mais parecer-lhe indifferentes ou pequenos: elles o prendem ao todo. Quando alguém sabe que o acto na apparencia mais insignificante contribue para a realização ou entrave de uma grande obra, toda a sua conducta se resente disso. E é um conforto persistente em todas as difficuldades, grandes ou pequenas, o saber-se que a mais humilde força está envolvida na obra total; que nada e ninguém fica olvidado e perdido; que ha sempre mil razões para tomar alento e que os que menos se enganam são exactamente aquelles que mais esperam. Citarei aqui algumas linhas que não são de um crente, mas que, por isso mesmo, são de maior valor como testemunho.

* O mal physico e o mal moral, as miserias da alma e dos sentidos, a felicidade dos maus, a humilhação do justo, tudo isso ainda seria supportavel se lhe concebessemos a ordem e a economia e vislumbrassemos uma providencia. O crente se alegra com as suas chagas; compraz-se com as injustiças e as violencias de seus inimigos; suas proprias faltas e crimes não conseguem arrancar-lhe a esperança. Mas em um mundo em que se apagaram todos os luzeiros da fé, o mal e a dor perdem até a sua significação e não se mostram senão como zombarias odiosas e sinistraes farças...

Não ha outra chave para o mundo que a fé. Eis a grande verdade. (1)

E se alguém agora me pedisse que

(1) Anatole France

mostrasse o fim immediato da vida humana, responder-lhe-hia :

O fim de qualquer coisa está indicado nella mesma. Esse fim é vir ella a ser tudo quanto possa ser, associando-se com todo o poder de amor ao designio eterno que procura realizar-se por intermedio della. O homem foi feito para se tornar cada vez mais homem, para manter a sua vida e, o que dá no mesmo, para auxiliar os outros a manter as delles no crescimento normal. Ora o crescimento normal exige o desenvolvimento de todo o ser, physico, intellectual e moral, sua harmoniosa reciprocidade. O homem, pois, foi feito para realizar na terra a vida verdadeira e justa, e para combater tudo quanto seja contrario a isso. As coisas humanas têm o seu ponto culminante na justiça, que é o seu accordo supremo. Póde dizer-se que *o fim do homem é tornar-se um poder de justiça*. — Crer na vida é crer que ella é um combate no qual a victoria pertence á justiça. Toca-nos, pois, fortificarnos, lutar, soffrer, se preciso for, mas sem perder nunca a esperanza.

E depois? O *depois*, como o *antes*, pertence á vontade que fez a vida do homem. Só ella conhece o segredo remoto do universo. Ella quiz que as coisas proximas a nós nos parecessem mais importantes do que as que se acham afastadas, por isso que a nossa responsabilidade está ligada a ellas. A estrada do homem é feita de tal modo que elle distingue claramente o que lhe fica sob os pés, e ao mesmo tempo lhe é forçoso seguir adiante trilhando a linha que se esboça para o além. Este além não deve de tal fórma absorver-nos que nos faça esquecer a vida, mas também não podemos esquecê-lo, sob pena de ficarmos sem saber porque vivemos. O homem precisa

*«Sentir, soffrendo, que o trabalho mortal
Tem seu prolongamento infinito; que elle se
[perpetua
E que a eternidade estende a mão á hora»* (1)

Conclusão: *Faze* o que deves, aquillo que o teu interesse superior e o dos outros exige que tu faças, e depois fica tranquillo, confiando-te a Aquelle que sabe porque os mundos rolam! O dogma fundamental é crer na vida; a suprema heresia é perder a esperanza.

Carlos Wagner
(Do livro—VALOR)

1) De sentir en peinant que le travail mortal
A son prolongement infini; qu'il de-
[meure
Et que l'éternité donne la main à l'heure.

IMPERTINENTE

Como todos devem saber, uma pessoa impertinente é o maior supplicio para quem está sob suas ordens.

Tivemos sciencia de que na rua Conselheiro Mafra, está estabelecido um Sr. que tem o habito de expiar os seus empregados, para depois vir contra elles desabafar o seu impertinente coração.

E' esse commerciante impertinente como o vento Sul no inverno, e quando lá em casa (delle) as coisas não lhe saem bem a gosto, vem para a loja lançar no rosto de seus empregados, as suas palavras indecentes; e, sem escrupulo de especie alguma, quer ainda descompol-os. Quando, por qualquer motivo, mesmo por esquecimento, (porque ninguém é infallivel), um dos seus subalternos deixa de fazer algum serviço, o Sr. vento Sul de inverno, fica furioso, descompõe-no, e tantas cousas diz que o pobre do caixeiro, quasi sempre tem de abandonar o seu posto para ir em procura de outro patrão menos neurasthenico...

J.

A arvore e o cipó

Ella era a rainha dominante d'aquelles vastos lençóes verdes que se estendiam pelas campinas; sua cópa altiva e frondoza destacava-se e balouçava-se ao vento. Os passaros, nas horas mais caladas, entoavam hymnos de contentamento ao abrigo de suas folhas amigas. Era um encantamento aquelle arvoredado.

Quantas vezes, já cançado de muito caminhar, eu ia sentar-me junto ao seu tronco para abrigar-me do ardente sól e passar algumas horas como se fossem minutos. Ao surgir da aurora vinha enconral-a banhada de orvalho, saudosa pelo sól, quando dardejia seus raios sobre a terra.

Certa vez, fino e delgado surgiu-lhe aos pés um cipó. De onde viéra ninguem o sabia, e todo medroso aproxima-se do gigantesco tronco a pedir-lhe auxilio para a sua mirrada existencia. Passados alguns annos elle já galgava á maxima altura, tudo dominando e apertando em roscas fortissimas, a arvore colossal. Esta levantava para o céo um gesto de agonia causada por quem tão generosamente protegêra. A arvore já sem vida deixava-se dominar pelo traiçoeiro. Em uma noite de tempestade, faiscas electricas cruzavam no ar, e uma certa veio de en-

contro ao tronco, e este sobre o sólo precipitou-se, arrastando consigo o cipó.

No outro dia via-se o corpo despedaçado e murcho do traidor.

Hoje quem passar por alli ha de sentir falta da sombra da amiga arvore; não se ouve mais o hymno dos passarinhos que se ausentaram para bem longe, procurando novo pouso, novos abrigos.

Annibal N. Pires
1º anno do C. P. C.

10-XI-20.

Pequeno Diccionario

**de termos technicos usados
em commercio e finanças**

(Continuação)

ARMAZENAGEM é o acto pelo qual as mercadorias são guardadas em deposito. A taxa de armazenagem é uma remuneração que paga o proprietario da mercadoria a quem a conserva em deposito durante um certo tempo.

ARMAZENS GERAES são vastos armazens destinados a receber em deposito as mercadorias dos particulares, para permittir-lhes que della disponham sem necessidade de remoção.

ARRIBADA é o acto de entrar num porto, durante a viagem, que não é o de destino ou de escala, estipulada no fretamento.

ARRIBADA FORÇADA é aquella que é ocasionada por força maior.

ARRIBADA VOLUNTARIA é a que pende do mero capricho ou intenção do capitão. Essa arribada annulla o seguro.

A TODO O RISCO exprime um seguro contra todas as perdas e danos. E' condição pouco usada nas praxes commerciaes do Brasil. Sómente em condições especiaes são effectuadas transacções em que o comprador assume a responsabilidade de receber a mercadoria, qualquer que seja o estado em que chegue ao mercado.

ATRAVESSADOR. Indivíduo que se introduz nas negociações entre dous outros para impedir a sua realização.

AVAL é o acto pelo qual um terceiro, que não figura na letra, nem como sacador, endossador ou accetante, garante a sua acceitação e pagamento.

AVARIA. Prejuizo causado a um navio ou á sua carga.

AVARIA GROSSA. Indica perda total. Quando um navio está em perigo e para salvá-o bem como a

carga, qualquer aparelho do navio ou porção do carregamento é voluntariamente lançado ao mar ou os porões inundados, os possuidores da propriedade sacrificada são indenizados pela contribuição paga pelos proprietários da carga remanescente e do navio. Toda a perda resultante de sacrificios extraordinarios para salvar o navio e seu carregamento fica comprehendida na grossa avaria e deve ser paga proporcionalmente por todos os interessados.

Todas as perdas ordinarias que o navio venha a soffrer depois de passados os perigos do mar são supportadas pelos armadores, mas todos os artigos que forem utilizados pelo capitão e equipagem na occasião do perigo, e que não forem de uso corrente, tendo em vista o beneficio geral, serão pagos proporcionalmente como avaria grossa.

AVARIA PEQUENA. Indica prejuizo parcial do navio ou do seu carregamento, em virtude dos riscos e perigos ordinarios do mar, durante a viagem.

Os prejuizos são supportados pelo segurador ou pelo proprietario da embarcação se a avaria é devida á acção do pessoal de bordo.

AVARIA SIMPLES é o termo do Codigo. (V. Avaria pequena)

AVARIA PARTICULAR é o termo do Codigo. (V. Avaria pequena.)

AVARIA LIGEIRA. (V. Avaria pequena.)

AVIADOR. Vocabulo usado em algumas praças brasileiras para indicar o negociante de commissões e consignações. Na região amazonica, aviador é o commerciante que fornece mercadorias aos seringae e delles recebe borracha a consignação.

A' VISTA (Vista). Diz-se em relação a um pagamento que deve ser feito immediatamente após a apresentação do titulo Em inglez é muito usado o termo.

AZIENDA. Palavra tomada de emprestimo á lingua italiana, para designar a totalidade dos bens que constituem um estabelecimento commercial.

— B —

BAIXA. Diminuição do valor commercial de um titulo ou mercadoria.

BAIXISTA. Especulador commercial que procura desvalorizar um titulo ou mercadoria.

BALANÇO. Exposição do activo e passivo de uma firma commercial ou empresa industrial de qualquer natureza, em data certa.

BALASTRACA. Termo ainda usado em certas localidades do Sul. Re-

fere-se a uma moeda argentina ou oriental.

BALDEAÇÃO. E' a transferencia da carga de uma para outra embarcação ou de um para outro vagão estrada de ferro.

BANCARROTA. O mesmo que fallencia. Mais applicado aos Estados ou Thesouros Publicos que aos estabelecimentos commerciaes.

BARATARIA. Dannos e prejuizos causados pelo commandante de uma embarcação, ao proprietario da mesma, aos donos das mercadorias etc. O segurador não responde pelos actos fraudulentos do capitão. O que caracteriza a barataria é a infracção ás leis da navegação e da guarda, que ao capitão incumbe quanto ao barco e ao carregamento.

BARATERIA. (V. Barataria.)

BAZAR. Estabelecimento commercial destinado á venda a varejo de toda a sorte de objectos de uso domestico, ornamentação e vestuario. Mercado publico no Oriente.

BELCHIOR OU SEBO. Casa que compra e revende livros e outros objectos usados.

BISCATE. Negocio de pouca monta.

BISCATEADOR. Individuo que faz biscates.

BISCATEAR. Fazer negocio de pouca monta.

BOLSA. Lugar onde se reúnem os negociantes para realização de negocios.

BOLSA DE TITULOS. Lugar onde se reúnem os corretores de fundos.

BOLSA DE MERCADORIAS. Lugar onde se reúnem os correctores de mercadorias.

BOM. Alta exagerada no preço de um producto offerendo aos seus vendedores uma occasião excepcional para auferirem rapidamente avultados lucros. A palavra, que é tomada de emprestimo á lingua ingleza, designa ainda a época da grande alta. Assim, diz-se o «boom da borracha» para determinar a época da extraordinaria valorização deste producto.

BRUTO. Peso total das mercadorias incluindo a embalagem.

O fechamento das portas

Graças á boa vontade de muitos negociantes d'esta prinça, e á benevolencia com que nos attendeu a benemerita Associação Commercial de Florianopolis, notamos que muitas casas de commercio já fecham as suas portas mais cedo.

E' digno de elogios o proceder desses commerciantes, porque reconhecem que o caixeiro tambem precisa ter mais alguma folga, de estudar ao menos uma hora por dia, para não estar toda a vida na jaula formada entre o balcão e as prateleiras.

Infelizmente, nem todos os commerciantes assim pensam, porque ha alguns que preferem ter empregados analphabetos a fecharem suas portas mais cedo uma hora.

E' de lastimar este facto, e mais ainda por vermos moços que poderiam mais tarde ser grandes vultos do Commercio Brasileiro, obrigados a viver sempre como simples caixeiros, por nada ter apprendido.

Só a falta de patriotismo e de bom senso, é que póde motivar este facto, porque si esses commerciantes fossem bons patriotas, seriam os primeiros a mandar os seus auxiliares para a escola não concorrendo assim para o augmento do grande numero de analphabetos que ainda existe na nossa patria.

Se em todo o nosso commercio houvesse união, poderíamos julgar-nos felizes, porque todos fechariam as suas portas a mesma hora, e desapareceria por completo a pretensão de muitos, em julgar que, fechando a sua casa mais tarde do que o seu visinho, ha-de vender mais do que elle.

Somos moços e temos confiança no futuro.

Ha-de chegar o tempo que esse velho carrancismo desaparecerá, para dar lugar ao direito e á razão.

São esses os nossos desejos.

Josil

Novembro de 1920.

—«O»—

POSTAES

Natureza ! admiro as tuas leis mesmo quando ellas me daspedaçam o coração.

A vida é completa quando se amou uma vez.

A esperança alimenta os corações despedaçados pelos soffrimentos.

Camelia Branca

Expediente do C. P. C.

As assignaturas do C. P. C. são pagas adiantadamente.

Toda a reclamação sobre a falta de recebimento do jornal deve ser dirigida á Direcção, sede *Curso Practico de Commercio*.

CRISE

Prolonga-se assustadoramente e está «soberbando seriamente o honrado commercio desta praça, a tremenda crise que domina em todo o nosso Paiz.

Há falta de dinheiro em circulação; os bancos evitam negocios, conservando as caixas abarrotadas, temendo «corridas».

Como remedios, falla-se em emissão de papel-moeda, em bancos de redescontos, etc., mas não se fala no principal que é a probidade na administração, na economia e na boa applicação dos dinheiros publicos.

Existem tres grandes males em nossa patria, que mister se torna exterminá-los: a roubalheira, a mentira e a preguiça. Livre dessa trindade maldita, o nosso caro Brasil pôde ser, em pouco tempo, uma das maiores nações do mundo.

S.



Mais carranças?

—002—

Não posso comprehender qual o motivo que alguns commerciantes, vindos do Rio de Janeiro, olham mal a classe caixeiral Florianopolitana.

Ainda hontem, falando com um amigo, chega-se um desses Srs. e vem dizendo que o nosso jornal em vez de ganhar sympathias, ganha é antipathias, em chamar um *commerciante* de carrança. (Convém explicar que não confundimos commerciantes, que os temos, felizmente, dignos entre os mais dignos, com carranças.)

C. P. C.

Curso Pratico de Commercio

AULAS NOCTURNAS — 1º Anno — 2º Anno

Mensalidade 10\$000

Prospectos e programma com os

— DIRECTORES: —

Laercio C. de Andrada—José de S. Pereira

Praça 15 de Nov. 21—2º andar

Quem sabe se S. S. que deixemos nos maltratar, fazerem-nos criados, pagando-nos mal, sem dizermos nada, como se fossemos algum boneco de mola?

Poderemos nos calar, vendo os nossos amigos, uns de vassoura na mão, esfregando assoalhos, outros quererem estudar e não poder, porque a sua casa fecha ás 7 1/2 horas as portas principaes, e elles ficam lá dentro até as 8 e 9 horas?

Não. Todos procuram defender a sua classe, e nós, tambem, procuraremos defender a nossa do jugo daquelles que nos querem fazer de lacaios.

Infelizmente ainda ha pessoas que julgam os caixeiros alguns escravos brancos, mas confiamos no futuro, porque então veremos muitos castellos formados sem baze, ruirem por terra ao menor sopro.

J. B.

Regimento Interno
— do —

CURSO PRATICO DE COMMERCIO

I
Fins

Art. 1—O Curso Pratico de Commercio visa:

a)—Promover o desenvolvimienio dos estudos commerciaes.

b)—Preparar e habilitar os seus alumnos ás funções de guarda-livros e outras, de escriptorios commerciaes, bancos, etc.

II

Da organização do Curso

Art. 2—O Curso Pratico de Commercio mantem tres séries de estudos, constituídos em 1º, 2º, 3º annos.

O primeiro anno constará do estudo das seguintes disciplinas: Portuguez, Arithmetica, Geographia, e Chorographia e Calligraphia.

(CONTINUA)

FLORIANOPOLIS

R. Conselheiro Mafra, 33
Caixa, 12

JOINVILLE

R. do Principe n. 47
Caixa, 10

LAGUNA

R. Raulino Horn n. 33
Caixa, 31

ITAJAHY

R. Pedro Ferreira n. 11
Caixa, 34

Gustavo da Costa Pereira

REPRESENTAÇÕES
E AGENCIAS

Endereço Telegr.:
TREVO

CODIGOS:

Ribeiro
ABC 5—ed. melhorada
Particular

Vendas por escala de todos os artigos de fabricação nacional.